
A ORDEM DAS PALAVRAS NAS ORAÇÕES INTERROGATIVAS PORTUGUESAS

Francisco de Assis Dantas*

De acordo com a afirmação de CUNHA (1970:113), nas orações interrogativas ocorre geralmente a posposição do sujeito (V-S). Dos exemplos apresentados por ele, deduz-se que sua afirmação se refere às interrogações iniciadas por pronomes e advérbios interrogativos. Já BECHARA (1973:324) diz que neste caso, isto é, nas interrogativas introduzidas por *quem, que, o que, quanto, qual, como, quando, onde, por que*, o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo (ex.: *Quem* veio aqui?), acrescentando, porém, que se usa ainda, neste caso, o sujeito antes do verbo ou o vocábulo interrogativo no fim da oração (ex.: De quem *você falava*? Ele comprou *o quê*?). MELO (1976:205), por sua vez, diz ser obrigatória hoje a posposição do sujeito nas interrogativas iniciadas por palavra interrogativa. Acrescenta que a ordem será direta se ocorrer a expressão de realce “*é que*” (*onde é que você bota* os seus chinelos velhos, primo?) e que nas simples interrogações a posição é indiferente (S-V/V-S), sendo que é mais comum no Brasil S-V e em Portugal V-S. JUCÁ (filho)

* *Professor de Língua Portuguesa na UFPB*

(1953), que dos quatro é o único a se demorar no assunto, declara que a sentença interrogativa, se introduzida por um pronome interrogativo, tem uma ordem determinada, “românica aliás”, que consiste na posposição do sujeito ao verbo (p. 182). Declara, igualmente, que o português carece de construção especial para a interrogação não iniciada por pronome interrogativo (p. 187).

Observando-se tanto a linguagem coloquial quanto a literária, constata-se o seguinte:

1º) A ordem S-V/V-S é indiferente nas orações interrogativas que não contêm palavra ou expressão interrogativa, com acentuada tendência para o uso da ordem direta, pelo menos no português do Brasil. É praticamente ocioso citar exemplos. Em *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, levantamos 16 (S-V) contra apenas 03 (V-S); em *A normalista*, de Adolfo Caminha, 10 de S-V e apenas 03 de V-S; em *Usina*, de José Lins do Rego, 14 de S-V e apenas 02 de V-S; em *O encontro marcado*, de Fernando Sabino, 161 de S-V e apenas 05 de V-S; em *O coronel e o Lobisomem*, de José Cândido de Carvalho, 23 de S-V e apenas 04 de V-S; em *Vila dos Confins*, de Mário de Palmério, 61 de S-V e apenas 15 de V-S.

Essa diferença pôde ser constatada também em outros textos pesquisados. Por mera curiosidade, fizemos um levantamento nos textos de autores brasileiros e portugueses reunidos na *Antologia Nacional*, de Carlos de Laet e Fausto Barreto, e encontramos aí 07 casos de S-V (05 de brasileiros e 02 de portugueses) contra 05 casos de V-S (01 de brasileiro e 04 de portugueses). Mas, estendendo tal pesquisa a um texto inteiro de autor português, dos dias atuais, como Fernando Namora (*Domingo à tarde*), encontramos 15 casos de ordem direta (S-V) contra 06 de ordem inversa (V-S). Ainda por curiosidade, examinamos textos de autores portugueses como Júlio Diniz (*As pupilas do senhor reitor*) e de Fialho de Almeida (*O país das uvas*): no primeiro encontramos 57 casos de S-V-contra 30 de V-S, enquanto no segundo, 10 casos de S-V contra 09 de V-S.

O importante, porém, de acordo com o que pesquisamos, é que realmente é indiferente a ordem das palavras nas orações interrogativas totais. Essa indiferença decorre, no caso, da não-pertinência da ordem das palavras nas orações interrogativas, por razões que ainda apresentaremos.

2º) A ordem S-V/V-S é indiferente nas orações que contêm palavra ou expressão interrogativa, com uma acentuada tendência para o uso da ordem

inversa. A liberdade de que gozam as palavras interrogativas em português favorece o emprego da anteposição ou da posposição do sujeito ao verbo. Assim, são da língua portuguesa exemplos como estes:

- 1.a. *Quem* viajou?
- 1.b. Viajou *quem*?
- 2.a. *Quanto* custaram as carteiras?
- 2.b. As carteiras *quanto* custaram?
- 2.c. As carteiras custaram *quanto*?
- 2.d. Custaram quanto as carteiras?
- 2.e. *Quanto* as carteiras custaram?

De acordo com a nossa pesquisa, em alguns textos, está longe de ser obrigatória nesse tipo de oração a posposição do sujeito ao verbo. Prova-o a quantidade de exemplos encontrados em *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo: 18 de V-S e 05 de S-V, com o que (Você o que queria? p. 33), como (Como você se chama? p. 40), quando (Quando você, comadre, agora me aparece por lá? p. 76), que (Ora, que mais ele tinha a dizer? p. 99) Tu que fim levaste? p. 114); em *A normalista*, de Adolfo Caminha: 20 de V-S e 05 de S-V (exemplos: E o Sr. Loureiro como ia? p. 114; E você como vai? p. 115; E o compadre João da Mata o que pretende fazer? p. 122; (...) mas você o que quer? p. 136); em *Usina*, de José Lins do Rego: 30 de V-S e 07 de S-V, com o que, por que, para que e com que; em *Vila dos Confins*, de Mário Palmério: 09 de V-S e 09 de S-V, dos quais, 08 com a expressão é que; em *O encontro marcado*, de Fernando Sabino: 30 de V-S e 61 de S-V, do tipo simples (sem é que) e mais 42 exemplos de S-V com a expressão é que. Adiantamos que todos esses exemplos de ordem direta são com as mais variadas palavras interrogativas, à exceção de como, que aparece em orações com V-S. Um fato que nos chamou a atenção foi encontrarmos nesta obra exemplos de ordem inversa (V-S) apesar da presença da expressão é que (exemplos: Estão, Eduardo, como é que foi a coisa? p. 111; Quando é que termina essa história de exército? p. 136; O que é que tem ele? p. 209). De acordo com MELO (1976: 205), a ordem será direta (S-V) nas interrogações iniciadas por palavra interrogativa se ocorrer a expressão é que: em *Sombras de reis barbudos*, de José J. Veiga: 10 de V-S e 31 de S-V, sendo 22 com a expressão é que e 09 simples, com que, o que, por que, para que, onde, com que; em *O chamado da terra*, de Fernando Silveira: 43 de V-S e 15 de S-V, com como, “adonde”, por que, para onde, onde e que.

Mesmo em textos de autores portugueses encontramos exemplos de ordem direta (S-V) em orações interrogativas que contêm palavras que caracterizam a interrogação: em *As pupilas do senhor reitor*, de Júlio Diniz, levantamos 21 exemplos; em *O país das iveras*, de Fialho de Almeida, encontramos 10 exemplos e em *Domingo à tarde*, de Fernando Namora, apenas 02 exemplos.

É curioso observar que JUCÁ (filho) (1953: 182), depois de dizer que a sentença interrogativa introduzida por pronome interrogativo tem uma ordem determinada (“românica aliás”), de acordo com a qual o verbo deve vir antes do seu sujeito, cita numerosos exemplos dele mesmo e de autores como Camões, Castilho, Rui Barbosa e Machado de Assis, em que nesse tipo de oração o sujeito vem antes do verbo. E pior ainda: julga inexpressivas ou imprestáveis (“para significar as cambiantes do nosso sentimento”) construções como QUE QUERIA ELE? QUEM AMAS TU? ONDE MORA VOCÊ? QUANDO CHEGOU O TEU AMIGO? e COMO VAI FULANO?

Já PÁDUA (1960: 100-1), após citar estes dois exemplos do português arcaico: “Por que *contas tu* e dizes as minhas justiças (...) pela tua boca?” e “Porque *tu demonstras* as mhas instiças e filhas o meu testamento pela ta boca?”, diz, apoiada neste último exemplo, que a anteposição do verbo (V-S) em frase interrogativa não é um fato de todas as épocas da língua. E acrescenta, depois de tentar demonstrar, com frágeis argumentos, que a frase mais antiga (direta) é obscura quanto à tonalidade interrogativa:

Ora a frase onde não existe a inversão é pobre de conteúdo interrogativo e por isso obscura quanto a essa mesma qualidade. Comparando-a com a mais moderna, aquela em que o verbo está anteposto ao sujeito, podemos ver o relevo que essa construção trouxe ao sentido interrogativo, tanto porque desde o princípio o anuncia e deixa prever, como pela pausa forte que provoca na frase. Notemos a atualidade desta construção que é corrente em português moderno, ao passo que a outra já não existe como interrogação direta.

Creemos que esse ponto de vista se mostra bastante limitado e não corresponde à realidade dos fatos. Não vemos essa obscuridade nem essa pobreza de conteúdo da oração interrogativa com o sujeito anteposto ao verbo. Do contrário, ela não cairia no gosto dos escritores modernos, con-

forme mostra a nossa pesquisa: em 07 textos de autores brasileiros encontramos 103 exemplos: em 03 de autores portugueses, encontramos 33 exemplos. E isto sem inclusão dos casos de ordem direta com o pronome *quem* como sujeito nem com a expressão *é que*. E estes números, mesmo diante da preferência pela ordem inversa, são significativos, sobretudo pelo fato de estarmos diante de um caso em que, segundo os gramáticos, a ordem inversa é obrigatória. Do contrário, ainda, se a ordem V-S fosse responsável por essa riqueza de conteúdo interrogativo, por esse relevo do sentido interrogativo, enfim, pela distinção entre orações interrogativas e declarativas, não seria de se esperar o apagamento do sujeito nas interrogativas nem, muito menos, a preferência pela ordem direta (V-S) nas interrogações totais (ex.: *Você* viajou?).

Basta dizer que, nos textos por nós pesquisados, incluídos os de autores portugueses aqui citados, a simples interrogação (total) com anteposição do sujeito (S-V) constitui maioria. Isto já nos leva a ver com reserva a afirmação de MELO (1976: 205) quanto à preferência dos portugueses pela ordem inversa (V-S) nesse tipo de interrogação.

Quanto ao símbolo gráfico indicador da entoação interrogativa (?), este sim, na escrita, ao contrário do que quer fazer entender a Autora, é mais importante do que a inversão V-S na caracterização da oração interrogativa, por constituir-se, juntamente ou não com palavras ou expressões interrogativas, no elemento exclusivo de caracterização da oração interrogativa.

Observe-se que o português admite uma variedade ampla de construções interrogativas, todas ouvidas na linguagem coloquial, quase todas utilizadas em textos literários, a maioria delas ignorada só pelos gramáticos que insistem em ver como obrigatória a posposição do sujeito ao verbo nas interrogações que contêm palavras interrogativas. O português, da mesma maneira que o francês, como o mostra ROULET (1978: 2-3) e ao contrário do que insinuam FOULET (1926) e DE BOER (1926), está longe de abrir mão desta variedade de construções interrogativas (Ver, ainda, WANDRUSZKA, 1970).

Se existe preferência pela ordem direta (S-V), nas interrogações totais, ou pela ordem inversa (V-S), nas parciais, isto se dá por razões outras que não o simples valor funcional da ordem das palavras (S-V/V-S).

A não-pertinência das ordens S-V/V-S na configuração das interrogativas decorre naturalmente das características próprias desse tipo de enunciado.

Uma delas é que a oração interrogativa não afirma nem nega, mas re-

presenta antes um pedido, explícito ou implícito, parcial ou total, de informação, que a completa como resposta. Daí as interrogações diretas (*Você mora na cidade? Onde você mora?*) ou indiretas (*Não sei onde você mora*); parciais, quando a interrogação se refere apenas a um dos elementos do conjunto interrogativo (*Que fazes? Como você chegou?*), ou totais, quando a interrogação se refere ao conjunto interrogativo (*Eles correram?*). Assim, do ponto de vista informacional, a interrogação se caracteriza como elemento motivador do discurso, do intercurso verbal, enquanto a frase declarativa se caracteriza como elemento motivado. Daí todo diálogo ser a soma de perguntas e respostas e também, em princípio, toda afirmação pressupor uma questão, clara ou subentendida. Esta é a condição mesma da realização concreta da linguagem em seu aspecto mais natural - a linguagem falada, que a escrita, literária, de acordo com as possibilidades de que dispõe, pretende reproduzir o mais fielmente possível.

Outras características da interrogação já dizem respeito a seu aspecto formal. Segundo JESPERSEN (1971: 434), as interrogações se exprimem primeiro pela entoação, depois por palavras interrogativas, pronomes ou partículas e, por último, pela ordem das palavras. Em nossa língua, elas se exprimem pela entoação (nas totais) e pela entoação e palavras interrogativas (nas parciais). Em ambas, portanto, a ordem S-V/V-S é não-pertinente, seja do ponto de vista formal, seja do ponto de vista informacional.

Do ponto de vista informacional, o enunciado que exprime uma interrogação total se apresenta, todo ele, como de interesse informativo do falante, não havendo propriamente destaque para esse ou aquele elemento do enunciado. E por isso é que a resposta a esse tipo de interrogação se faz em função do conjunto enunciativo, seja por meio de simples partículas (*sim/não*), seja por acréscimo a essas partículas da repetição por inteiro do enunciado interrogativo, seja ainda pela repetição clara apenas do elemento que resume suficientemente a resposta. Exemplo:

- O diretor já saiu?

- Sim. / Sim. O diretor já saiu. / Sim. Saiu. / Sim. Já saiu. / Sim. Já.
/ Saiu. / Já saiu. / Já.

Observe-se que a variedade das respostas não está condicionada à possibilidade de variação do esquema S-V/V-S das perguntas desse tipo. A razão

está, por conseguinte, em que aí a entoação é o único fator que conta na caracterização dessa espécie de enunciado.

A verdade é que todas as razões geralmente apresentadas pelos estudiosos para justificar a ordem a ordem inversa na indicação da interrogação total em português, em detrimento da entoação, têm-se mostrado irrelevantes: a inversão do sujeito decorreria da ausência de partículas interrogativas; do próprio conteúdo psicológico desse tipo de enunciado (caráter impulsivo e subjetivo); do tom, que a caracterizaria como uma frase incompleta, etc. Todas estas razões, no entanto, ao nosso ver, favorecem antes a entoação que a ordem inversa. Outros já veriam nelas meios de justificarem aí a ordem direta.

Quanto às interrogações parciais, caracterizadas acumuladamente pela entoação e por palavras interrogativas, podemos observar que elas permitem a variação do esquema S-V/V-S, ao mesmo tempo que a mobilidade da palavra interrogativa, que representa o elemento sobre o qual o falante formula a pergunta. Essa liberdade de que desfruta o elemento interrogativo (*quem, que, o que, por que, quanto, qual, como, quando, onde*), nas interrogações diretas, se deve ao fato de tais palavras serem, como já salientara BRUNOT, “sempre reconhecíveis graças à sua forma” e, acrescentamos nós, graças a seu conteúdo e à sua forma” função (interrogativa). É essa mobilidade do termo interrogativo, como o mais importante da frase do ponto de vista informacional, favorece a variedade de construções como estas: Onde mora você? / Onde você mora? / Você mora onde? / Você onde mora? / Mora onde você?

A todas essas maneiras de perguntar, em que pese a variação da ordem dos seus elementos, se responde, normalmente, de uma única maneira: *Eu moro na cidade* ou, simplesmente, *Moro na cidade* ou, ainda, pelo único elemento que não pode ser elidido: *Na cidade*. Aqui, no domínio das respostas, das frases declarativas caracterizadas por uma entoação normal, é onde a ordem assume a sua pertinência em função do esquema temático-contextual ID-IN. Por isso é que frases como *Na cidade eu moro* ou *Na cidade moro eu* destoam como respostas a ONDE MORA VOCÊ e a suas respectivas variações.

De modo que podemos afirmar que a ordem S-V/V-S, nas orações interrogativas do português, é não-pertinente, pelo papel aí exercido pela entoação e pelas palavras e partículas interrogativas. Aplica-se ao português aquilo que já dizia BRUNOT a respeito do francês: “Uma simples entoação basta para marcar a interrogação sem haver necessidade de se mudar coisa

alguma na sintaxe da frase” (1899: 647).

Quanto a este ponto, a nossa conclusão é de que a inversão (V-S) não caracteriza as interrogações portuguesas, em oposição à ordem direta (S-V), segundo se costuma sugerir, característica das orações declarativas. Essa distinção se faz pertinentemente pela entoação e pelas palavras e expressões interrogativas. Disto resulta a liberdade e indiferença na escolha de uma ou de outra ordem. No geral, reina atualmente o gosto pela ordem direta tanto nas totais quanto nas parciais, numa clara demonstração de que merece ser revista a opinião emitida em nossos manuais tradicionais de que a inversão verbo-sujeito verifica-se em geral nas orações interrogativas e, sobretudo, a opinião de que a inversão é aí obrigatória.

A verdade é que nossos estudiosos não têm mostrado nenhum interesse pelo estudo das orações interrogativas em português. Mas o pouco que existe, sobretudo em termos de novidade, ratifica o nosso ponto de vista: de CÂMARA JR. (1979: 239-40), quando diz que a entoação é a marca fonológica do esquema frasal interrogativo; que uma linha melódica de ascensão da voz assinala qual o tema da pergunta; que em português é essa entoação ascendente a marca única da frase interrogativa total; e de BORBA (1979: 84), quando diz que as interrogativas gerais do português dependem apenas da entoação, enquanto as parciais dependem, além da entoação, de partículas interrogativas. Opinião semelhante têm WANDRUSZKA (1970) e DECAT (1980).

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. 10 ed. São Paulo, Ática, 1981.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 19 ed. São Paulo,

Editora Nacional, 1973.

BORBA, Francisco da Silva. *Teoria sintática*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.

BRUNOT, Ferdinand. *Précis de grammaire historique de la langue française*. 4 ed. Paris, Masson, 1899.

CÂMARA JR. J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1979.

CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. 4. ed. São Paulo, Ática, 1976.

CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*. 3 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970.

D'ALMEIDA, Fialho. *O país das uvas*. São Paulo, Editora Três, 1973.

DE BOER, C. "L'évolution des formes de l'interrogation en français". *Romania*. Tome LII, Paris, 1926, p. 307-27.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. "Interrogativa múltipla: considerações sobre o movimento do sintagma interrogado". *Ensaio de Linguística*, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Ano II, 3: 56-71, dezembro, 1980.

DINIZ, Júlio. *As pupilas do senhor reitor*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d.

FOULET, Lucien. L'interrogation et l'ordre des mots en anglais et en français. *Romania*. Tome LII, Paris, 1926, p. 445-59.

JESPERSEN, Otto. *La philosophie de la grammaire*. Trad. de Anne Marie Léonard. Paris, Minuit, 1971.

JUCÁ (filho), Cândido. *O fator psicológico na evolução sintática*. 2 ed. Rio de

Janeiro, Organização Simões, 1953.

LAET, Carlos de et BARRETO, Fausto. *Antologia Nacional*. 34 ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1957.

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.

NAMORA, Fernando. *Domingo à tarde*. Porto Alegre, Globo, 1971.

PÁDUA, Maria da Piedade Canaes e Mariz de. *A ordem das palavras no português arcaico*. Coimbra, Faculdade de Letras, 1960.

PALMÉRIO, Mário. *Vila dos Confins*. 16 ed. José Olympio, 1974.

REGO, José Lins do. *Usina*. 7. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

ROULET, Eddy. *Téorias lingüísticas, gramáticas e ensino de línguas*. Trad. de Geraldo Cintra. São Paulo, Pioneira, 1978.

SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 17 ed. Rio de Janeiro, Record, 1977.

SILVEIRA, Fernando. *O chamado da terra*. João Pessoa, O Norte, 1975.

VEIGA, José J. *Sombras de reis barbudos*. 4 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

WANDRUSZKA, Mário. "Réflexions sur la polymorphie de l'interrogation française". *Revue de linguistique romane*. Société de Linguistique Romane. Tome 34, Strasbourg, 133-4, janvier-juin, p. 65-77, 1970.